

Fotografia na Enfermaria de Ortopedia: pesquisando espaços de comunicação

Photography in an Orthopedic Ward: researching areas of communication



Maria Lúcia Toralles Pereira ¹
Trajano Sardenberg ²
Heloísa Wey Berti Mendes ³

A transformação do indivíduo em paciente inclui a vivência de uma série de separações, marcadas, freqüentemente, por experiências de fragmentação e perda de autonomia sobre o próprio corpo.

Deitado na cama de hospital, a situação que o paciente experimenta é, como observa Sant'Anna (2000, p.13), a da “fragmentação do tempo, do corpo e das atividades”. Em situações de maior imobilidade no leito, o teto e a superfície superior das paredes passam a referenciar suas relações com objetos e experiências no interior do quarto. Essa condição de imobilidade e privação de autonomia diante de situações rotineiras, somada à experiência de intimidação gerada pelo cenário dos equipamentos de uma Enfermaria de Ortopedia (serra elétrica, brocas, perfuradoras, instrumentos de tração, martelos etc) trazem, para a prática em Saúde, a preocupação com a qualidade do atendimento/tratamento, entendida não sob a ótica das condições materiais ou técnicas implicadas na assistência, mas no que se refere à dimensão subjetiva daqueles que vivenciam tais experiências.

¹ Professora do Departamento de Educação, Instituto de Biociências de Botucatu, Universidade Estadual Paulista/Unesp.
<toralles@ibb.unesp.br>

² Professor do Departamento de Cirurgia e Ortopedia, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista/Unesp.
<tsarden@fmb.unesp.br>

³ Professora do Curso de Enfermagem, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista/Unesp.
<weybe@uol.com.br>

CRIAÇÃO

Conhecer o modo como essas situações são vividas, pensadas e valorizadas na dimensão subjetiva do paciente, foi a proposta da pesquisa.

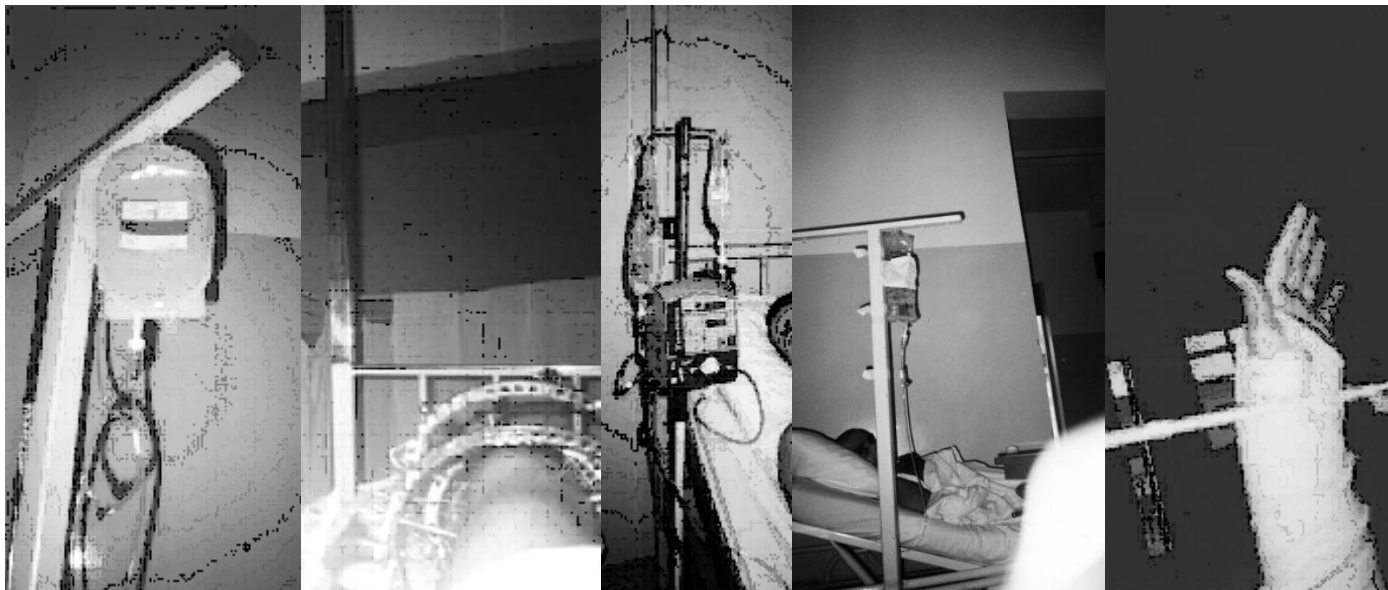
Entregamos câmeras fotográficas a cinco pacientes acamados, internados na Enfermaria de Ortopedia de um hospital universitário, no segundo semestre do ano de 2001, propondo que registrassem sensações, idéias e experiências vividas como pacientes, procurando responder às perguntas: *O que significa estar doente? O que é bom e o que é ruim em sua rotina na Enfermaria?*



Um tombo de moto me fez ficar quinze dias em cima de uma cama sem poder me levantar, nem para ir ao banheiro, nem tomar banho... só banho no leito, uma coisa que incomoda bastante... você vê o banheiro perto de você e não pode ir até ele, tem que pedir, ficar dependendo de favor dos outros. É incômodo demais... (LF)



Aqui tem uma parte boa e ruim. A parte boa é que eu conheci, pelo tempo que fiquei aqui, muitas pessoas que passaram por esta cama, que ficaram comigo, uma semana, cinco dias... E a parte ruim é que você fica um tempo sozinho também. O quarto só tem duas camas. Você fica sozinho um período, daí é pior ainda. Aquela solidão danada! Não tem com quem conversar, só a televisão... (AD)



... para mim, ruim foi que eu fiquei vários dias parado e bom, foi que eu fiz amizades, fiz muitas amizades novas, pessoas diferentes, que sabem conviver com pessoas que têm defeitos, doenças... Todo mundo aqui tem consciência de que a vida vale mais do que qualquer coisa. (LF)

... pra dizer a verdade, só o fato de você estar no hospital já é um motivo ruim ... mas o que eu acho pior aqui é a falta de informação ... qualquer coisa que a gente queira saber do médico e não conseguir conversar. Porque às vezes o residente não pode te dar informação, ele tem que conversar com o docente... só que esse docente, às vezes a gente não tem acesso, porque ele não vem nos quartos, não aparece aqui para explicar nada para a gente. Esse é um diferencial em favor do doutor Eu achei super importante esse contato médico/paciente. Então, ... é difícil falar o que tem de bom aqui. (AD)

... os médicos que estão atendendo a gente aqui... é uma coisa boa... de manhã eles vêm aqui, animam a gente, conversam, explicam tudo para a gente. (AR)

Tirei esta foto por causa dos biombos. Achei que eles estavam bem sujos, poderia ser melhorado isso... E melhoraria até a privacidade da gente. ... às vezes, eles não estão bem encaixados... a gente tá tomando banho... tá até em posições meio desconfortáveis... (AR)



A televisão... é o único, praticamente o único lazer que tem. Apesar de ter leitura, ter outras coisas também, às vezes é só televisão mesmo. E este é o ângulo que eu tenho de onde eu estou... (AD)



É a bandeja da comida. ... não que seja ruim, a comida do hospital é boa. Só que a gente, na condição que se encontra aqui, não tem apetite. Então volta muita comida. Às vezes, até dá dó pelo desperdício.

É um negócio que estava conversando com outras pessoas, ... a quantidade de alimento que vem, cinco refeições... e a proximidade uma da outra. Você toma café, oito e pouco, quando é onze já tá chegando o almoço, aí às duas já vem outro café, quando é cinco já está jantando. A alimentação é muito seguida. No trabalho a gente não está acostumado com isso, não se alimenta dessa forma. O dia a dia da gente não é assim.

Eu acho que a janta poderia ser mais tarde um pouco ... (AD)